



PATRIMÔNIO IMATERIAL COMO UM INSTRUMENTO DE PROTEÇÃO E PERPETUAÇÃO DOS SABERES E FAZERES DO FEMININO

Julia de Mello Bottini¹

Karlo MessaVettorazzi²

RESUMO

O patrimônio cultural imaterial, no Brasil, possui uma infinidade de alternativas graças à diversidade da cultura do país, os bens culturais de natureza imaterial são aqueles ligados às práticas e domínios da vida social que se encontram nos saberes, ofícios, modos de fazer, celebrações e outras formas de expressão. Lutar pelo reconhecimento público de um patrimônio seja ele um artesanato, um tipo de música, um tipo culinário, é lutar pela existência e pela afirmação de um determinado grupo. Portanto, é lutar, também, pela

¹Graduada em Direito (FAE Centro Universitário) e em Comunicação Social – Jornalismo (PUCPR). Especialista em Conservação e Restauração de Patrimônio Histórico (PUCPR) e-mail: julia.bottini@hotmail.com.

²Coordenador e Professor do Curso de Direito da FAE CENTRO UNIVERSITÁRIO. Mestre em Sociedade e Direito (PUCPR) e-mail: karlo.vettorazzi@fae.edu.

presença do feminino na história já que a historicidade da mulher está arraigada na construção da cultura nacional e expressa no patrimônio cultural imaterial brasileiro, seja na engenhosidade da produção da renda, na força e saber artístico para a fabricação das cuias ou na arte da culinária do acarajé. A transmissão de *saberes e fazeres* são constantemente feitas pelas mulheres, seja pelas mãos, pela dança, pelo artesanato ou por meio da oralidade, essa transmissão solidifica relações culturais complexas, e quando se trata do intangível, é capaz de construir história.

Palavras-chave: Patrimônio Imaterial. Salvaguarda. Feminino. Historia.

ABSTRACT

The immaterial cultural heritage in Brazil has a multitude of alternatives thanks to the diversity of the country's culture, cultural of immaterial nature are those linked to the practices and domains of social life that are found in knowledge, crafts, ways of doing; celebrations and other forms of expression. To fight for the public recognition of a heritage whether it be a craft, a type of music, a type of culinary, is to fight for the existence and the affirmation of a certain group. Therefore, it is also a struggle for the presence of the feminine in history since the historicity of women is rooted in the construction of national culture and expressed in Brazilian intangible cultural heritage, whether in the ingenuity of production of income, in the strength and artistic knowledge to manufacture or in the art of acarajé cuisine. The transmission of knowledges and actions are constantly made by women, whether by the hands, by the dance, by the handicraft or by means of orality, this transmission solidifies complex cultural relations, and when it comes to the intangible, is able to build history.

Key-words: Intangible heritage. Safeguard. Female. History.

Introdução

Graças a diversidade cultural brasileira o patrimônio cultural imaterial possui uma infinidade de alternativas, e são geralmente fruto de grupos tidos como não protagonistas da história, uma vez que seus conhecimentos restaram resguardados ao imaterial, não tendo uma materialidade efetiva

e duradoura que pudesse comprovar a existência desse grupo na história.

Os bens culturais de natureza imaterial são aqueles ligados às práticas e domínios da vida social que se encontram nos saberes, ofícios, modos de fazer; celebrações e outras formas de expressão.

Quando se luta pelo reconhecimento público de um patrimônio seja ele um artesanato, um tipo de música, um tipo culinário, é lutar pela existência e pela afirmação de um determinado grupo, e é lutar pela presença do feminino na história uma vez que historicamente o lugar da mulher nunca foi o ambiente público e sua história não era contada por ela mesma, mas por meio dos protagonistas, dos grupos historicamente dominantes.

Portanto, percebe-se que a historicidade da mulher está arraigada na construção da cultura nacional e expressa no patrimônio cultural imaterial brasileiro, seja na engenhosidade da produção da renda, na força e saber artístico para a fabricação das cuias ou na arte da culinária do acarajé. A transmissão de *saberes e fazeres* são constantemente feitas pelas mulheres e essa transmissão solidifica relações culturais complexas, e quando se trata do intangível, é capaz de construir história.

Patrimônio Cultural Imaterial

A memória coletiva se encontra refugiada em lugares pouco visíveis,

preservada de forma tênue por meio de rituais e celebrações ou em lugares mais imperceptíveis ainda, como nos gestos, nos saberes de silêncios e em hábitos (DE DECCA1992). Os elementos não tangíveis do patrimônio cultural estão associados ao segundo grupo de elementos, com ensina Pedro Paulo Funari, grupo que se refere ao conhecimento de técnicas, é a capacidade do homem e da mulher de sobreviverem em seu meio ambiente (FUNARI 2012).

Saber construir, tecer o pano da coberta de cama, divertir-se com o jogo de cartas, rezar à Santa Barbara em noite de temporal, curtir a pele de veado para fazer a alpercata e o gibão. Saber transformar o bago vermelho do café em pó solúvel na xícara de porcelana. (LEMONS 2013)

A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura(UNESCO)³ define como patrimônio imaterial aquilo que esta em tradições, no folclore, nos saberes, nas línguas, nas festas e em diversos outros aspectos e manifestações, transmitidos oral ou gestualmente, recriados coletivamente e modificados ao longo do tempo (UNESCO 2016).

Para muitas pessoas, especialmente as minorias étnicas e os povos indígenas, o patrimônio imaterial é uma fonte de identidade e carrega a sua própria história. A filosofia, os valores e formas

³ A Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), é uma organização fundada em Paris em 4 de novembro de 1946 com o objetivo de contribuir para a paz e segurança no mundo mediante a educação, a ciência, a cultura e as comunicações.

de pensar refletidos nas línguas, tradições orais e diversas manifestações culturais constituem o fundamento da vida comunitária. Num mundo de crescentes interações globais, a revitalização de culturas tradicionais e populares assegura a sobrevivência da diversidade de culturas dentro de cada comunidade, contribuindo para o alcance (UNESCO 2016).

Para José Reginaldo Santos Gonçalves (2015), lutar pelo reconhecimento público de um patrimônio seja ele um artesanato, um tipo de música, um tipo culinário, é lutar pela existência e pela afirmação de um determinado grupo.

Portanto, o conceito de patrimônio cultural imaterial é, amplo, dotado de forte viés antropológico, e agrega potencialmente expressões de todos os grupos e camadas sociais (LONDRES 2008). A própria noção de patrimônio cultural imaterial é ela mesma, o produto da significativa revisão das ideias relativas e a concepções de desenvolvimento.

Não se trata mais de garantir o acesso a recursos, informações e instrumentos culturais à diferentes camadas e grupos sociais com base em visões homogêneas e etnocêntricas de desenvolvimento, mas de favorecer não só processos de desenvolvimento que integram diferentes camadas e grupos sociais, como também produtores de expressões culturais que importa a todos conhecer e valorizar. A noção do patrimônio cultural é um sensível instrumento nessa direção (LONDRES 2008).

Laurent Lévi-Strauss (2001) entende que a globalização gera um processo de interdependência econômica e assim intensifica os intercâmbios culturais, acelerando, por consequência o

desaparecimento de inúmeras expressões culturais, em particular no que tange o patrimônio imaterial, o que empobrece de maneira considerável as identidades e a diversidade cultural.

Lévi-Strauss (2001) compreende que o patrimônio imaterial abarca uma infinidade de manifestações portadoras de valores consideráveis da existência de uma comunidade.

A literatura, oral, os conhecimentos tradicionais, os saberes, os sistemas de valores, as artes de representar e as línguas constituem diversas formas de expressão que são as fontes fundamentais da identidade cultural de um povo (LÉVI-STRAUSS 2001).

Para o autor existia ainda outro grande desafio que permeia o patrimônio imaterial, é a visível desigualdade de tratamento, fruto de uma longa predominância em nossa cultura de que aquilo que era escrito, palpável, erudito, religioso, que possuía um valor muito maior do que o oral, a arte popular e o profano, entre o patrimônio imaterial e o material (LÉVI-STRAUSS 2001).

O patrimônio, antes restrito ao excepcional, aproximou-se cada vez mais, das ações cotidianas, em sua imensa e riquíssima heterogeneidade. Algo aparentemente tão simples como charquear carnes revela-se variado, com características próprias e únicas, em cada canto do planeta, digno, portanto, de preservação como vivência diferenciada da humanidade. (LÉVI-STRAUSS 2001).

O autor ainda atenta para o fato de que em uma era da mundialização, na qual a diversidade externa é cada vez mais pobre, torna-se necessário e urgente manter e preservar a diversidade interna de cada sociedade, considerando nela todos os grupos e subgrupos humanos que compõe e desenvolvem cada um, são estas diferenças que valoram a importância do patrimônio imaterial (LÉVI-STRAUSS 2001).

Assim como se criam banco de genes de espécies vegetais para evitar o empobrecimento da diversidade biológica e o enfraquecimento de nosso ambiente terrestre, é preciso, para que a vitalidade das sociedades não seja ameaçada, conservar, ao menos, a memória viva de costumes, de práticas e saberes insubstituíveis que não devem desaparecer. Pois é a diversidade que deve ser salva, não o conteúdo histórico que cada época lhe conferiu e que ninguém saberá perpetuar para além dela própria. A nova legislação brasileira abre, nesse sentido, vias que poderão ser úteis como inspiração para toda a comunidade internacional (LÉVI-STRAUSS 2001).

A preservação da memória dos elementos que constituem o patrimônio imaterial tem uma série de efeitos, para Maria Cecília Londres (2001), esses efeitos são: a aproximação do patrimônio da produção cultural, gerando uma simbiose entre o passado e o presente; permite uma produção cultural que emana de diversos grupos sociais, principalmente daqueles em que a tradição é transmitida oralmente, dando voz a esta faixa da população, e permitindo a manutenção e proteção do seu patrimônio.

É possível perceber que o patrimônio imaterial cria um instrumento para que os grupo que possuem apenas a transmissão oral de suas tradições, que não são eruditos ou privilegiados, reivindiquem reconhecimento, possibilitando a perpetuação de conhecimentos e rituais.

De acordo com o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)⁴, cultura é todo e qualquer tipo de ações por meio do qual um povo expressa suas formas de criar, fazer e viver.

Trata-se portanto de um processo dinâmico de transmissão de geração a geração, de praticas, sentidos e valores, que se criam e recriam (ou são criados e recriados) no presente, na busca de soluções para os pequenos e grandes problemas que cada sociedade ou indivíduo enfrentam ao longo da existência (IPHAN 2012).

Para o IPHAN (2012), o Brasil é um país com uma imensa diversidade cultural, pois, a construção da história do país conta com a participação de vários grupos étnicos e sociais. O Instituto ressalta que todos esses povos participaram e ainda participam da construção da cultura brasileira, isso faz com que o Brasil seja um país plural e ricamente diverso. As culturas que essas pessoas trouxeram nos seus modos de ser, nas suas

⁴ O IPHAN é o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, é uma autarquia federal vinculada ao Ministério da Cultura que responde pela preservação do Patrimônio Cultural Brasileiro. Cabe ao Iphan proteger e promover os bens culturais do País, assegurando sua permanência e usufruto para as gerações presentes e futuras.

visões de mundo, nas suas memórias, foram transformadas no contato com outras culturas já aqui presentes e também causaram transformações nessas culturas.

O Patrimônio cultural de uma sociedade é também fruto de uma escolha, que, no caso das políticas públicas, tem a participação do Estado por meio de leis, instituições e políticas específicas. Essa escolha é feita a partir daquilo que as pessoas consideram ser mais importante, mais representativo da sua identidade, da sua história, da sua cultura. Ou seja, são os valores, os significados atribuídos pelas pessoas a objetos, lugares ou práticas culturais que os tornam patrimônio de uma coletividade (ou patrimônio coletivo) (IPHAN 2012).

Por todas essas razões o IPHAN (2012) acredita que é importante entender que é preciso reconhecer que todos os povos produzem cultura e cada qual tem uma maneira diversificada de se expressar, assim é possível aceitar a diversidade do país, compreender que não existe uma cultura melhor do que a outra e sim apenas culturas diferentes que juntas são a cultura do Brasil como um todo.

A Expressão do Feminino na História

Como já foi explanado o patrimônio imaterial e sua salvaguarda, resguardam a história dos grupos menos valorizados, daqueles que não possuem uma predominância na história, uma vez que o seu *saber ou fazer* estão apenas no campo

imaterial, não tendo se consolidando enquanto matéria. É perceptível que as mulheres e seus *saberes e fazeres* fazem parte deste grupo, uma vez que à mulher sempre foi renegado o espaço público, sendo resguardada ao privado, dentro de casa sob o papel da maternidade.

Para Badinter (1986), a afirmação dessa identidade maternal, tornou o espaço doméstico, concretizado pelo casamento, o local criado por Deus para a felicidade, o amor, gerando neste clima a procriação. A maternidade passa, então, a povoar o imaginário feminino, e faz com que a mulher busque-a como um refúgio, sendo afastada da história.

Michele Perrot (1989) afirma que muitas dificuldades se apresentam para quem ousa contar uma história que enverede pelo olhar das mulheres, pois se trata de terreno de incertezas, saturado de controvérsias e de ambigüidades, ainda que sutis. Ao referir-se aos estudos relativos à temática feminina e à história das mulheres nas sociedades ocidentais, afirma:

Não existiram para o espaço público. As mulheres agricultoras ou de artesãos, cujo papel econômico era considerável, não são recenseadas, e seu trabalho, confundido com as tarefas domésticas e auxiliares, torna-se assim invisível. Em suma, as mulheres “não contam”. E existe aí muito mais do que uma simples advertência (PERROT 1989).

LosandroAntonioTedeschi (2012) entende que para alimentar teoricamente as

abordagens sobre a história das mulheres, vários autores, dentre eles, Pierre Bourdieu, tem olhado de uma forma mais concreta para o tema. E a firma que homens e mulheres incorporam representações e constroem suas práticas dentro de uma lógica social.

O Autor entende ainda que seja dessa forma, numa sociedade rural patriarcal, as referidas práticas determinam atitudes de dominação/submissão, donde é possível afirmar que, tanto homens quanto mulheres, nas sociedades marcadas por fortes componentes patriarcais, colocam sua posição social masculina ou feminina sob a pressão originada pela divisão do trabalho na unidade produtiva familiar, bem como pelas relações de poder. Michelle Perrot (1989) salienta e questiona a invisibilidade imposta às mulheres quando afirma que

Escrever a história das mulheres? Durante muito tempo foi uma questão incongruente ou ausente. Voltadas ao silêncio da reprodução materna e doméstica, na sombra da domesticidade que não merece ser quantificada nem narrada, terão mesmo as mulheres uma história? (PERROT 1989)

LosandroAntonioTedeschi (2012) explana ainda que é por meio das *relações de poder* que se justifica a desigualdade entre homens e mulheres, como oriunda de relações de dominação e subordinação. Para ele a historiadora Joan Scott vai além e chama a atenção para o fato de que o poder das mulheres tende sempre a ser percebido como

manipulador das relações sociais, como ilegítimo.

Por essa junção de fatores, tem – se um motivo para o trabalho do IPHAN, enquanto promotor das expressões dos saberes e fazeres do feminino, uma vez que esta atitude coloca a mulher dentro da história. Como lembra LosandroAntonioTedeschi (2012) o que se quer e pretende é que apreendamos a história na perspectiva de que ela⁵.

A História, não narra o passado, ou o presente, mas constrói um discurso sobre ele trazendo tanto o olhar quanto a própria subjetividade daqueles que a recortam e narram, à sua maneira, a matéria da história (TEDESCHI 2012).

Portanto, ao abordar a história das mulheres pelas representações busca-se trazer para o cenário os discursos de construção das identidades e da interpretação do mundo. Tedeschi afirma que cabe então a homens e mulheres, em conjunto, contribuir para desnaturalizar essa história que conhecemos, pois é necessário escrever e reescrever a história a partir de uma posição do presente, que é o lugar de nossa escrita, percebe-se que ainda predomina em muitos lugares a construção de identidades fixas para mulheres e homens (TEDESCHI 2012).

Ao colocar a expressão do feminino enquanto salvaguardado no âmbito do patrimônio imaterial, tira-se da mulher a noção de que cabe a ela apenas a função da maternidade, as tarefas domésticas e o espaço do privado e a colocamos em um lugar de destaque na história, dando identidade e historicidade – voz – ao gênero feminino e a oportunidade de contar a própria história independente da função que lhe foi historicamente dada.

O Patrimônio Imaterial e a Expressão do Feminino

Para o Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional é possível perceber que as mulheres e seus *saberes e fazeres* estão enraizados na cultura do país.

O modo de fazer cuias no Baixo Amazonas (PA), por exemplo, que foi o último bem registrado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan), destaca a mulher artesã como a principal responsável pela confecção deste utensílio tão presente na cultura do país (IPHAN 2017).

Para o IPHAN (2017), o fato das mulheres transmitirem seus saberes, seja pelas mãos, dança artesanato ou oralidade, ultrapassa apenas o fato de solidificar relações que são, por vezes, complexas, é a construção da história da cultura feminina, é reforçar que a mulher tem uma identidade cultural e uma historicidade que merece ser perpetuada.

O que seria do acarajé, sem o ofício das baianas? E das Matrizes do Samba do Rio de Janeiro se não fossem as reuniões

musicais na casa da Tia Ciata, lá no Estácio? O sabor da moqueca capixaba não é o mesmo sem as panelas de barro feitas pelas paneleiras de Goiabeiras, no Espírito Santo (IPHAN 2017).

As mulheres estão à frente dos afazeres do tradicional queijo de minas, nas regiões do Alto Paranaíba e da serra da Canastra, uma vez que, de acordo com o dossiê de registro do IPHAN, entende-se que a mulher é mais cuidadosa e mais dedicada à produção (IPHAN 2017).

Na cerimônia do Círio de Nossa Senhora de Nazaré, ritual tipicamente paraense, cabe às mulheres, a decoração da berlinda e a confecção do manto que, todos os anos, veste a imagem da santa. E os saberes e fazeres das mulheres vão além, um dos patrimônios imateriais mais reconhecidos mundialmente também é de responsabilidade exclusivamente feminina (IPHAN 2017).

Com vestimentas brancas, enfeitadas com colares e panos coloridos, as baianas encantam com a alegria e o famoso tempero dos bolinhos feitos de feijão fradinho e fritos no azeite de dendê, o acarajé. É uma profissão, predominantemente, feminina, que indica, inclusive, a padronização de indumentária, zelando principalmente pela higiene na preparação e manuseio do alimento. Esse bem cultural de natureza imaterial foi inscrito no Livro dos Saberes em 2005 e seu ofício envolve rituais de produção, arrumação do tabuleiro, preparação da mesa e o uso de trajes próprios (IPHAN 2017).

A contribuição feminina ultrapassa os alimentos e a religião, lugares que historicamente estão relacionados às

mulheres, em Vitória, no bairro das goiabeiras são elas quem comandam e produzem as famosas panelas, uma atividade praticada pelos grupos nativos das Américas, antes da chegada de europeus e africanos. É uma atividade eminentemente feminina e tradicionalmente repassada pelas artesãs às suas filhas, netas, no convívio doméstico e comunitário (IPHAN 2017).

No Baixo Amazonas a prática artesanal de fazer cuias desenvolveu-se entre comunidades indígenas da região há mais de dois séculos, sendo atualmente um ofício praticado por mulheres de comunidades ribeirinhas (IPHAN 2017).

A preparação das cuias e sua elaboração estética demandam cuidadoso trabalho por parte das artesãs que dispõem de suas habilidosas mãos para compor as peças. Por meio da força e sutileza de seus gestos, as mulheres servem-se de seus corpos para produzir objetos cujas técnicas e saberes vêm sendo transmitidas de geração a geração (IPHAN 2017).

Outro importante patrimônio imaterial registrado pelo IPHAN (2017) está vinculado, originalmente, à aristocracia, é a Renda Irlandesa que surgiu como uma alternativa de trabalho para a população brasileira. Hoje essa tarefa ocupa mais de uma centena de artesãs, além de ser uma referência cultural. Constitui um dos saberes tradicionais que foram resignificados pelas rendeiras do interior sergipano por meio de fazeres

seculares, que remontam à Europa do século XVII (IPHAN 2017).

É importante ressaltar que é, também, por meio destas atividades históricas e que guardam a cultura do país que as mulheres conquistam autonomia econômica tão importante para que sejam protagonistas não apenas da história nacional, mas de sua própria história.

Conclusão

Neste artigo pode-se perceber que o patrimônio imaterial encontra na história um modo tênue de sobreviver e é preservado por meio de rituais e celebrações ou em lugares s imperceptíveis, como nos gestos, nos saberes. Este tipo de patrimônio representa a cultura daqueles que não possuem um papel de protagonistas da história e que lutar pelo reconhecimento público de um patrimônio é lutar pela existência e pela afirmação de um determinado grupo.

Portanto, resta claro que ao dar visibilidade à expressão do feminino o IPHAN coloca a mulher como protagonista da história, criando, assim, um instrumento para que aqueles que possuem apenas a transmissão oral de suas tradições, que não são eruditos ou privilegiados, reivindiquem reconhecimento, possibilitando a perpetuação de conhecimentos e rituais.

Referências Bibliográficas

BADINTER, Elizabeth. **O Mito do Amor Materno**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

DE DECCA, Edgar Salvadori. **Memória e cidadania**. – p.130. In: SÃO PAULO (cidade). Secretaria Municipal de Cultura. Departamento do Patrimônio Histórico. O direito à memória: patrimônio histórico e cidadania – p. 130 - São Paulo: 1992.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. **Patrimônio Cultural e Subjetividade** – p. 6. in Taipa. Revista da Diretoria de Patrimônio Histórico, Artístico e Cultura/FCC – dez 2015 – v. 2 – Curitiba, 2015.

IPHAN. **Patrimônio Cultural Imaterial: para saber mais/** Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – p. 7. 3 Edição- Brasília, DF: Iphan, 2012

IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. Disponível em: (<http://portal.iphan.gov.br/noticias/detalhes/3240/a-presenca-feminina-expressa-no-patrimonio-cultural-imaterial-brasileiro>). Acesso em 04/10/2017)

LEMOS, Carlos A.C. **O que é Patrimônio Histórico** – p.10. São Paulo: Brasiliense, 2013 (Coleção Primeiros Passos; 51).

LÉVI-STRAUSS, Laurent. **Patrimônio Cultural e Diversidade Cultural: Um novo decreto para a proteção de bens imateriais** –p.23. Revista Tempo Brasileiro, out – dez. – n. 147 – 2001- p. 25 – Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, ed. Trimestral.

LONDRES, Mária Cecília. **Patrimônio Imaterial no Brasil/** Maria Laura Viveiras de Castro e Maria Cecília Londres – p. 13. Brasília: UNESCO, Educarte, 2008.

LONDRES, Cecília. **Para Além da Pedra e Cal: por uma concepção ampla de patrimônio** –p.198 in Revista Tempo Brasileiro, out – dez. – n. 147 – 2001. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, ed. Trimestral.

PERROT, Michelle. **História das mulheres: a Idade Média**. v. Porto: Afrontamento, 1989.

Tedeschi, Losandro Antonio **As mulheres e a história : uma introdução teórico metodológica**. – Dourados, MS: Ed. UFGD, 2012.

UNESCO, **Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura**(Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/brasil/culture/world-heritage/intangible-heritage/> Acesso em: 18/08/2016).